

VIOLÊNCIA E PODER EM HANNAH ARENDT*

*Silvia Gombi Borges dos Santos***

Resumo: Ao examinar o tema da violência e suas relações com o poder a partir das idéias de Hannah Arendt, este estudo aborda o controvertido papel do intelectual frente a estes fenômenos e problematiza a perspectiva otimista da pensadora alemã quanto à realização da *vita activa*, como forma de superação da violência no mundo atual.

Palavras-Chave: Violência - poder - ação humana - intelectual - *vita activa*.

I - INTRODUÇÃO

O século XX pode ser considerado como o século da violência. O aumento desenfreado desse fenômeno e o enorme desenvolvimento tecnológico, notadamente no setor de armamentos, nos colocam numa situação de perplexidade e impotência frente ao presente, e de incerteza quanto à possibilidade de um futuro para a humanidade.

Embora a história nos tenha demonstrado a imbricação entre poder e violência, ao longo do desenvolvimento das sociedades, um problema surge: como entender a exacerbação da violência num mundo em que o homem desenvolveu ao máximo a sua razão instrumental, isto é, a Ciência e a Tecnologia? E ainda, qual o papel dos intelectuais frente ao poder? Frente à violência?

A violência está presente entre nós e a ela, de certa forma, irônica e cruel nos acostumamos. Refletir sobre este fenômeno, que se acentuou no mundo contemporâneo, parece se constituir em tarefa urgente e vital para a espécie humana.

* Tema de projeto de dissertação de mestrado, ora em desenvolvimento.

** Professora de Filosofia do Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba - MG (ISEPI) e aluna de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

II - A ATUALIDADE DA NOÇÃO HERACLITIANA DE COMBATE

O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres .¹

No fragmento 53, acima, atribuído a Heráclito de Éfeso², é possível vislumbrar uma verdade permanente: a idéia de que o relacionamento estabelecido entre os homens sempre se apresentou como uma relação de conflito. É através do combate que se chega à harmonia, à união, ao equilíbrio entre os opostos - a uma estabilidade, no entanto, provisória, uma vez que, da harmonia haverá nova separação, novo confronto dos elementos, para se re-juntarem numa outra totalidade, atestando o eterno movimento do **lógos**, constituindo o devir.

Ao formular esta idéia de combate como origem e predominância sobre todas as coisas, Heráclito, embora esteja se referindo ao mundo da **physis**, muito provavelmente tenha percebido o caráter social, político inerente a esta noção na própria dinâmica da sociedade grega de sua época³. Conflito que busca a estabilidade no fluxo da vida, porém uma estabilidade "instável". Se lembrarmos o fato de que, hoje, mais do que nunca, o conflito armado, as guerras ainda cumprem esta função de elementos mantenedores do equilíbrio terrestre - entre população e riquezas, ou mesmo alimentos, poderíamos afirmar que Heráclito teria sido, não apenas o precursor da dialética, mas, sobretudo, o primeiro teórico da guerra. Implícitas, pois, no pensamento heraclitiano, estão as noções do poder, violência e força, ligadas à de combate, conflito.

Parece não haver dúvida de que o homem sempre buscou o poder, entendendo-se este termo em seu sentido mais banal, de domínio de um ou alguns seres sobre a natureza e os outros homens. E, desse modo, o poder

1. HIPOLITO, Refutação, IX, 9, PRÉ-SOCRÁTICOS, p. 90.

2. HERÁCLITO teria florescido em 504-500 a.C. Idem, p. 79.

3. Cf. Werner JAEGER, LA TEOLOGIA DE LOS PRIMEROS FILÓSOFOS GRIEGOS. (México, F.C.E., 1952), p. 114-9, onde indica que o princípio dos contrários ultrapassa o âmbito da física, para aplicar-se à vida humana.

se confundiria com o exercício - eficaz, da violência. Assim como humanidade e conflito seriam elementos que sempre viriam entrelaçados, amalgamados⁴.

Ainda que, na prática, estas noções - poder, violência e força, pareçam estar indissociadas, é nossa tarefa explicitá-las teoricamente, indicando em que aspectos convergem, e onde se distanciam.

Portanto, traçar a linha demarcatória entre poder e violência, com base nas idéias arendtianas, é o objetivo deste estudo.

Não obstante, precisamos, antes, tentar desvendar os traços fundamentais daquele que exerce poder e violência: o ser humano.

III - A VALORIZAÇÃO DA AÇÃO HUMANA

Para compreender a natureza do homem, Hannah Arendt partirá do conceito aristotélico que o define como "animal político", e acentuará as duas vertentes derivadas da palavra grega *pólis*: a vida no *ágora*, praça pública, local em que se discutiam assuntos sobre a coletividade, e onde também se exercia a convivência. Privilegiará, portanto, a ação humana, executada coletivamente: *O que torna o homem um ser político é sua faculdade de agir*. (1985:46).

É na ação humana que se encontra o sentido da nossa existência; o homem se define pelos seus atos, e é no agir que continuamente se desenvolve.

O homem se caracteriza por buscar a imortalidade através de atos que marquem sua presença no mundo. Esta imortalidade só é possível atingir na esfera pública da existência através das ações que transcendam o âmbito individual, particular: *Os homens isolados são impotentes por definição*. (1978:587).

Assim, por trás de uma indiferença para com o homem das massas contemporâneas, e talvez influenciada pela visão nietzscheana do super-homem, Hannah Arendt, define o homem de nosso tempo como o **ser capaz**

4. FANON, Frantz acredita que "a vida é um combate sem fim", estando implícita a utilização da violência. De fato, é possível ampliar esta noção de combate, conflito para a atividade humana como um todo, em seus diferentes estágios de desenvolvimento histórico. Citado por Hannah Arendt (1985:39).

de ação, característica considerada como a mais perigosa de todas as aptidões e potencialidades humanas.

Esta ação é, portanto entendida como ação política, destinada a produzir o grandioso, o luminoso, a fim de permitir dar um sentido à vida individual, e, de certo modo, imortalizá-la.

IV - EXPLICITAÇÃO DOS CONCEITOS ARENDTIANOS

1. A Distinção entre Poder, Força e Autoridade

Hannah Arendt aponta como fator fundamental e preponderante na vida social humana, a existência do **poder**. E ainda, embora a violência e poder estejam imbricados, e no senso comum sejam confundidos, são fenômenos distintos, não são a mesma coisa:

A questão política mais crucial é, e sempre foi, a questão de: Quem governa quem? Poder, força, autoridade, violência - nada mais são do que palavras a indicar os meios pelos quais o homem governa homem; são elas consideradas sinônimos por terem a mesma função . (1985:23).

Ao perguntar sobre a natureza do poder, imediatamente se coloca o problema da dominação. O poder é o domínio de ninguém, algo impessoalizado, impessoal, que se exerce⁵.

O **poder** é a capacidade de agir em comum acordo; não é individual; pertence a um grupo e depende da união do grupo para continuar a existir.

Concebido desta forma, opõe-se ao **vigor**, termo utilizado para expressar uma qualidade **individual**, inerente a um objeto ou pessoa, que pertence ao seu caráter. Nesse sentido é que é possível se referir a um vigor físico, intelectual ou espiritual.

5. Posição bastante próxima à defendida por Michel Foucault, para quem, mais importante do que definir o que é o poder, é saber que ele está aí, é exercido de modo impessoal, e deve ser denunciado. Cf. o texto *Os intelectuais e o Poder*. In: **MICROFÍSICA DO PODER**. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 69-78.

Portanto, para Hannah Arendt, o poder sempre está em um grupo social coeso não existindo poder individual, e sim, vigor.

Já a palavra **força**, utilizada de modo inadequado como sinônimo de violência, deveria ser usada apenas para designar as formas da natureza ou a força das circunstâncias ("La force des choses"), isto é, para indicar a **energia liberada** através de movimentos físicos ou sociais.

Por **autoridade** deve-se entender o *reconhecimento sem discussão por aqueles que são solicitados a obedecer; nem a coerção e nem a persuasão são necessários*. (1985:25).

E ainda, para se conservar a autoridade, é preciso que haja o respeito pelo cargo.⁶

A conclusão a que se chega é a de que terá mais poder aquele grupo humano que poderá contar com a livre-adesão, a livre-obediência à sua proposta, a qual deve ser tida como a sua vontade.

2. A Especificidade do Poder: o Reconhecimento

Embora se tenha dificuldade em se chegar a um acordo sobre a natureza do poder, Hannah Arendt aponta para uma constatação de fato: a de que o poder não precisa de justificativas, mas de legitimidade. Esta legitimidade será obtida a partir do **reconhecimento**, por parte de pessoas reunidas e em ação, com vistas a um objetivo comum.

Quanto maior o número de pessoas que **reconhece** a autoridade, maior será o seu poder. Quando porém, este reconhecimento se enfraquece, ou deixa de existir, faz-se uso da violência.

3. A Oposição entre o Poder e Violência

Ao contrário do que, à primeira vista possa parecer, Hannah Arendt dirá que poder e violência se opõem.

Se o poder faz parte da essência de todo governo, cuja base está no fenômeno do reconhecimento, sendo, portanto, um fim em si mesmo, a

6. Afirma H. Arendt: "O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e a maneira mais segura de solapá-la é a chacota". (1985:25).

violência será sempre uma manifestação de poder, poder este que se encontra ameaçado. Por este motivo, sendo um meio, a violência terá um caráter instrumental:

Uma das mais óbvias distinções entre o poder e a violência é que o poder tem a necessidade de números, enquanto que a violência pode, até certo ponto, passar sem eles por basear-se em instrumentos. (1985:22)

E ainda:

A forma extrema de poder resume-se em Todos contra Um, e a extrema forma de violência é Um contra Todos. E esta última jamais é possível sem instrumentos. (1985:23-4)

Portanto, a noção de poder está sempre ligada a números, a um maior reconhecimento, o que implica em afirmação de sua legitimidade, em fortalecimento do próprio poder. Enquanto que a noção de violência, baseada no não-reconhecimento, ou seja, no enfraquecimento do poder, vincula-se à utilização de instrumentos.

Assim, a relação que se estabelece entre o poder e violência, é de proporção inversa: quanto mais forte o poder, se terá menor utilização de violência; e, de forma correlata, com a diminuição do poder, a tendência será um aumento da utilização de formas de violência.

4. A Análise Política da Violência

Segundo Hannah Arendt, a violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas, se deixar que percorra o seu caminho natural, o resultado será o desaparecimento do poder.

Deste modo, a violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo. Constitui-se em último recurso a ser usado contra aqueles que recusam ser dominados pelo consenso da maioria. Da exacerbação da violência, nasce o terror.

Também a violência, de certa forma, antecede o poder, mas não o cria, pois, para o exercício pleno do poder, está implícita, como pré-requisito, a possibilidade de uso da violência.

A análise política dos termos poder e violência mostra, portanto, uma relação de oposição: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente.

V - O PAPEL DOS INTELECTUAIS FRENTE AO PODER E A VIOLÊNCIA

O enorme aumento da produtividade no mundo moderno não se deveu, de maneira alguma, ao crescimento da produtividade do trabalhador, mas sim exclusivamente ao desenvolvimento da tecnologia, o que não dependia nem das classes trabalhadoras, e nem da burguesia mas sim dos cientistas . (1985:40)

No contexto acima descrito salta aos olhos o papel decisivo dos intelectuais na sociedade moderna, enquanto agentes, que são, criadores de tecnologia e, portanto, de multiplicação de capital em curto espaço de tempo. Nesse sentido, os intelectuais se constituíram em classe verdadeiramente revolucionária, substituindo, neste papel, a classe proletária, cuja tendência nítida é aburguesar-se e não tentar a busca de solução para as contradições ora existentes.

Parece, no entanto, que esta intelectualidade não tem plena consciência de seu papel histórico de transformação social; é um grupo desunido, voltado para os aspectos inerentes ao exercício de suas próprias atividades científicas. Esses mesmos intelectuais

cessaram repentinamente de ser um grupo social marginalizado, surgindo como uma nova elite, cujo trabalho, que transformara as condições de vida humana quase que inteiramente no espaço de poucas décadas, mantém-se essencial para o funcionamento da sociedade". (1985:40)

E ainda:

Os seus membros estão mais dispersos e menos presos a interesses óbvios do que os grupos do antigo sistema de classes; portanto, não têm eles o impulso de se organizar, faltando-lhes a experiência em tudo aquilo que diz respeito ao poder. Também, estando muito mais estritamente ligados às tradições culturais, entre as quais fique a tradição revolucionária, apegam-se eles com muito

maior tenacidade às categorias do passado que os impedem de compreender o presente e o próprio papel que lhes caberia nele desempenhar . (1985:40-1)

Hannah Arendt chama-nos a atenção também para o importante fato de que a mesma racionalidade que cria a ciência e a tecnologia, produz a violência. Esta, não é biológica: não é irracional; nem animalesca e não provém do ódio: é, sim, racional e humana. Graças, justamente, à racionalidade, é que o homem, criador da ciência e seus produtos, se tornou um animal extremamente perigoso.

VI - CONCLUSÃO: EM BUSCA DE CAMINHOS

Afirmamos, no presente estudo, que o mundo contemporâneo se constitui em palco de violência e conflitos, na luta pelo poder.

Na relação entre homem e mundo, evidencia-se a sensação de desencanto: quanto mais se desenvolvem - ciência e tecnologia -, mais o homem embora desfrute de seus benefícios, sente-se impotente para mudar as conseqüências de sua má utilização. Portanto, aliada à perplexidade e impotência, acrescenta-se a sensação amarga, de dúvida sobre o futuro.

Vimos, com o instrumental teórico fornecido por Hannah Arendt, que poder e violência guardam, entre si, uma relação de oposição: onde está presente uma, ausenta-se o outro. E que a destruição do poder pela violência acarreta o perigo, já vivido pelo homem deste século, de implantação de regimes totalitários, via o terror. A violência, segundo esta pensadora, é racional, voluntária e se multiplicou enormemente com o imenso desenvolvimento tecnológico desencadeado pela utilização da ciência aplicada, pelos detentores de capital. Assim, toda vez em que se tiver uma diminuição do consenso social a respeito da legitimidade de um determinado poder, estaremos na iminência do emprego de instrumentos da violência.

Isto é particularmente agravado, nos dias de hoje, pelo crescimento das massas - amorfas, sem consciência e sem vontade, inteiramente submetidas ao poder desempenhado pelos meios de comunicação de massas e pela tecnização da vida moderna⁷. Desaparece da história, por assim dizer,

7. Os meios de comunicação de massa se constituem no grande agora da modernidade, veiculando discussões prontas e verdades estabelecidas, ao mesmo tempo em que desestimulam a convivência social, fechando o homem em seu mundo pessoal, subjetivo.

o sujeito pensante, para ceder lugar ao "heavy-user", a este "grande herói" da modernidade - o consumidor.

Esta é a fase de preparação para o surgimento de governos totalitários, em que se opera a dissolução do eu, a alienação do ser humano em relação ao mundo e a si mesmo.

Neste sentido, emerge, como tarefa primeira, a reabilitação do homem enquanto ser pensante, capaz de modificar a si e ao meio em que vive.

A saída apontada por Hannah Arendt, é o incremento daquilo que ela denominou de **vita activa**, onde a razão deixa de ser especulativa, para se transformar em "razão prática". A realização da **vita activa** se constitui em forma de recuperação do ser humano enquanto **ser político**, devolvendo-o para o lado criativo e criador de sua existência, valorizando as paixões, as emoções, forjando condições, enfim, para a irrupção do novo na face da terra.

A **vita activa** requer, no entanto, o homem livre de tarefas ordinárias, como aquelas referentes à sua sobrevivência, para poder realizar a política. Se, na Grécia Antiga, a condição da **vita activa** era a existência do trabalho escravo hoje, na contemporaneidade, este papel seria desempenhado pelo emprego da tecnologia, liberando o homem para o pleno exercício da política. Nisto consistiria a verdadeira felicidade humana, para Hannah Arendt, ao permitir o bom uso dos produtos resultantes do desenvolvimento científico e tecnológico.

Embora reconheçamos a significativa importância das análises efetuadas por Hannah Arendt a respeito das relações entre poder e violência, os fatos vivenciados hoje parecem apontar para a expansão daquilo que Marx denominou a **barbárie**, e não, propriamente, o desenvolvimento da **vita activa** na sociedade contemporânea.

Com efeito, ainda hoje, como na Antiga Grécia, os meios para a realização da **vita activa** concentram-se entre poucos. Os produtos de tecnologia - nossos "escravos" modernos, estão sendo desfrutados apenas por uma reduzida parcela da humanidade, enquanto que a grande maioria luta para satisfazer as suas necessidades biologicamente dadas.

Preferimos, por ora, evocar este Murilograma, dedicado a Heráclito de Éfeso, que declara:

... *Panta rhei*
todas as coisas fluem
correm
*decorrem...*⁸

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In: *As origens do totalitarismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

_____. *Da violência*. trad. de Maria Cláudia Drumond Trindade. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985, c1970.

LAFER, Celso. Da dignidade da política: Hannah Arendt. *Discurso*. São Paulo, 3:185-98, 1972.

_____. Hannah Arendt. *Cadernos da UnB*. Teoria Política. Brasília, 185-95, 1979.

O'SULLIVAN, Noel. Hannah Arendt; a nostalgia helênica e a sociedade industrial. In: CRESPIGNY, Anthony & MIGNOGUE, Kenneth. *Filosofia política contemporânea*. 2 ed., Trad. Yvonne Jean. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

PRÉ-SOCRÁTICOS. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

8. MENDES, Murilo. *Convergência*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.